

QUINTA-FEIRA
Lisboa--14 de Janeiro de 1932

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

5705 TÔES
295



sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 37

EM ESPANHA



A REPUBLICA: - Não foi para isto que Galan e Hernandez pagaram com a vida o amor que me tinham!



Os ditos da semana



O frio Faz frio de bater o queixo. A gente só não morre porque, seguido a sabedoria das Nações, o frio conserva. Alguns mais friorentos, porém carregam-lhe nas aguardentes, partindo do princípio de que também se obtém a conservação pelo álcool. E então verifica-se esta coisa estranha: os que não morrem de frio, morrem de calor... alcoólico, debaixo dum carro eléctrico, ou numa scena de facadas á porta da taberna, e lá vão todos parar á terra fria. E por lá se conservam, tão certo é que o frio conserva. Pelo menos não consta que algum tenha deixado de conservar-se inteira e insofismavelmente morto.

Apesar de tudo, porém, ainda ha janotas que dispensam o chapéu, talvez porque a natureza os proveu duma abundancia capilar capaz de fazer inveja a um urso, ainda que não seja senão para que eles se possam jactar de ter alguma coisa na cabeça.

É verdade que uma vez por outra sobrevivem uma pneumonia dupla que os rapa com elegancia e rapidez.

Faz frio. Deixa-lo fazer, que a gente cá vai andando sem elegancia, mas também sem pneumonias, no nosso estojo de lãs.

nora, recorreu-se já ao exercito e, da mesma forma, o Lampeão se escamoteou por dentro do mato, sem ser visto nem agarrado. O «Sempre Fixe» se fosse chamado a dirigir a campanha não teria um momento de hesitação: enviaria contra ele um batalhão de sacristães de apagador em punho, com a certeza certa e anticipada de que algum deles havia de apagar o Lampeão.

A pratica pode muito.

Processos... As divorciadas de Berlim acabam de fundar uma Associação cujo objectivo é conseguir maiores pensões dos seus ex-maridos, em contraposição á Associação dos homens divorciados que já existia, e que tem por fim diminuir as pensões as mulheres.

Está claro que um homem que se divorcia, as mais das vezes, é para se livrar de pensões. Isto é velho e sabido. Parece que só o não sabem as alemãs de Berlim. O que nós não sabemos, mas parece que o sabem os maridos de Berlim, é que as suas mulheres

angariam dinheiro por varios processos e assim o afirmam publicamente.

Não será por acaso um processo de que também eles se possam servir?

O tempo Fazia um frio horrível. A gente sentia-se enregelar até a medula. Recorria-se á botija de agua quente, ao cobertor de papa e ao cobertor interior — para uso interno, como se diz nas farmacias — que geralmente assume o feitio e as proporções dum copinho da rija.

E pedia-se chuva para amenisar o tempo e desenvolver os nabos.

A agua gelava nos lagos e a gente batia o queixo exclamando:

— Se ao menos chovesse...

E os termómetros — sempre em desacordo uns com os outros — desciam vertiginosamente. O nosso nariz era um perfeito sorvete de morango — nem a cor lhe faltava.

— Que massada! E não chove.

Alturas tantas começou a chover.

Vieram os impermeaveis,

vieram os guarda chuvas, vieram as galochas e veio a lama.

— Que maçada! Antes fizesse frio que não emporcalha a gente.

E a chuva continua intermitente e miudinha, embaraçante, maçadora, como a conversa de uns amigos certos que nós temos.

— Quando será que vem bom tempo?

Mas o que vem a ser bom tempo se a gente acha sempre mau todo o tempo que faz?

Pois que venha chuva, mas chuva de picaretas ou chumbo derretido a ver se isto refresca...

Anuncios Não é por falta de assunto que ás vezes falha esta secção. É por falta de espaço. Mas hoje cá está o nosso torcedor official proporcionando-nos este mimo:

Casal

Precisa-se, homem para trabalhos de campo, mulher para serviços domesticos. Exigem-se informações, Rua de S. Nicolau, 161.

Que diabo de anuncio!

Afinal não é bem um casal que se pede. É um homem para a rua e uma mulher para casa. Verdade seja que o homem, no campo, e a mulher, em casa podem até dar materia prima para dois casaes. Ou não?

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	12\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, 4, por tabela.

Caso estranho Aquelle caso da rapariga que appareceu morta em Paço d'Arcos é um caso esquisito. Caiu ao mar e ninguem viu. Atravessou o Tejo e ninguem viu. Deu á Costa e ninguem viu. Tiraram-lhe os sapatos, as calças e o chapéu e ninguem viu. É parece que só houve quem visse logo que não se tratava dum crime.

O Lampeão A policia brasileira trava constantemente formidaveis combates com a quadrilha de Lampeão; chega a fazer prisioneiros e mortos, mas, quando vai dar balanço aos cativos, nunca encontra no meio deles o celebre Lampeão. Parece que o bandido, como bom Lampeão que é consegue apagar-se e passar despercebido, dando ás de Vila Diogo através do sertão, para ir repetir as suas façanhas noutro ponto.

Como a pollela por varias vezes se tenha reconhecido impotente para subjugar o faci-

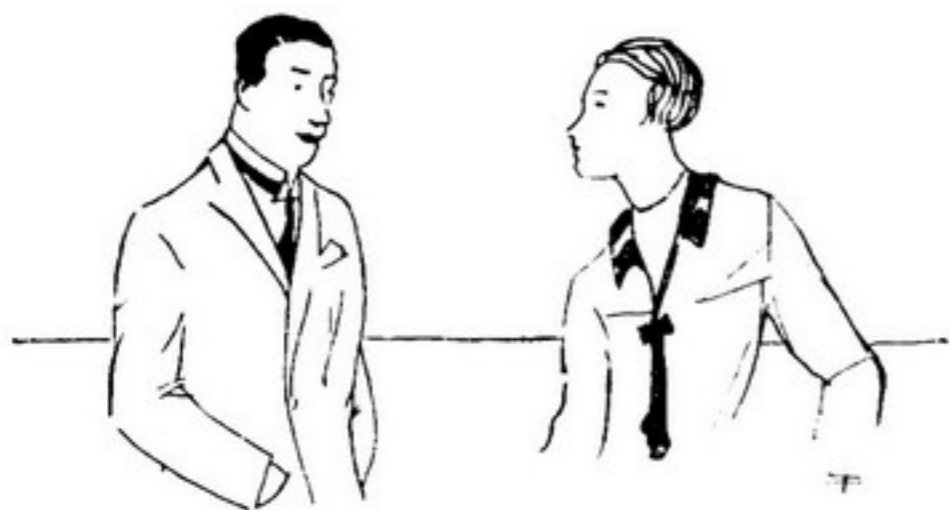
Dr. Vitor dos Santos



— «Fiscal da C. P.; distinto e «seguro» advogado «bancario», em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo...»

TEATRO

«RETROZ PRETO...»



— Como escritor deve ter uma grande imaginação, não verdade!

— A senhora tem lido alguma das minhas obras?

— Não. O que precisava era pôr um nome ao meu câosinho...

A mó de cima e a mó de baixo. No teatro é fácil encontrar-se quem gire em volta da mó. Mercê dum ponto de apoio, quasi sempre um capitalista, é-se, ás vezes, sem se querer, elevado ás alturas, e então é vê-lo, com um ar de autoridade, muito carranudo, muito grave, muito sério, muito compenetrado, a desviar-se um pouco dos amigos das horas de desgraça, a tratá-los com uma pontinha de desdem parvo.

Mas depois, não ha nada que não leve uma volta, e aí vem a autoridade de cambalhada até ao chão e acaba-se o ar grave, o ar serio, o ar parvo.

Isto, em teatro, succede a cada momento.

Os exemplos repetem-se continuamente. Mas não chegam. Hão de dar-se, com certeza, por toda a eternidade teatral.

E o *Sempre Fize* cá está para se rir deles, em vez de eles se rirem do *Sempre Fize*.

■ ■ ■

ESTER Leão vai realizar a sua festa artistica com um seu original: *Na Sombra*.

Na sombra?

Muito modesta é a Ester Leão.

■ ■ ■

O *Estaladinho* continua em cena no teatro Maria Vitoria.

Por cada dia mais que ele vai á cena é mais uma facadinha nas linguas maldizentes do teatro.

■ ■ ■

ALBERTO Barbosa, José Galnar-do e Vasco Santana estão traba-

lhando no arranjo de uma farça, a que puzeram o titulo de *A menina do côro*.

A *menina do côro* quem será?

Vamos tentar adivinhar.

Se calhar, a menina do côro é o Vasco Santana em *travesti*.

Paciencia!...

■ ■ ■

DO *Diario de Lisboa*:

«A revista de carnaval que a companhia Ester Leão vai representar no Gimnasio intitula-se *Ha horas para tudo*.»

Claro que ha horas para tudo.

Até para ir ao teatro e fazer revistas.

■ ■ ■

AO que se diz, a nova peça do teatro Politeama foi um exito.

O publico pegou e tem lá ido e *O Crime da 5.ª Avenida* marcha.

As causas celebres sempre apaixonaram o publico.

■ ■ ■

TAMBEM do *Diario de Lisboa*:

«Na possivel *reprise* que se fará da opereta *O Burro do Sr. Alcaide*, o actor Santos Melo interpretará o seu antigo papel de «O Sete Cabeças».

O Sete Cabeças?

Mas onde vai o artista arranjar as outras seis?

Se calhar conta tambem com as cabeças dos dedos.

■ ■ ■

ESTAS duas tambem são do *Diario de Lisboa*:

A primeira:

«Nalguns teatros de Lisboa, os programas do carnaval encerram algumas novidades dignas da atenção do publico, estando até contratados já varios numeros estrangeiros.»

A segunda:

«O teatro Nacional, este ano, terá as suas portas fechadas durante a epoca de carnaval.»

Como se vê, grandes novidades de sensação no carnaval deste ano.

Então esta do teatro Nacional ter as suas portas fechadas durante a epoca carnavalesca é uma grande novidade.

■ ■ ■

OS jornais estão já falando numa opereta — *A Julia dos Terramotos*.

Dizem tudo, menos o teatro onde se representará e quando será esse acontecimento.

E, no fim de contas, isto é o mais importante, a não ser que não tenha, justamente, importancia nenhuma.

■ ■ ■

O *Sempre Fize* não recebeu, durante a quadra que vai do Natal ao Ano Bom, cartões de boas-festas da maioria dos artistas teatraes portugueses.

Reconhecidos, agradecemos e retribuimos...

■ ■ ■

DIZ o nosso colega *Republica* que um jornalista *doublée* de *publicity man* está escrevendo uma peça intitulada *O Grande Magico*, cujo entretcho gira á volta dum gastronomo de profissão.

Quem será o autor?

Cá ficamos a magiciar! Quanto ao gastronomo, desconfiamos que seja um conhecido, aliás distinto fotografo dos velhos tempos — muito *rabino*.

Cuidado com as judiarias!

■ ■ ■

A actriz Palmira Barros, já felizmente re-estabelecida, vai reaparecer na *Conspiradora*.

E' caso para dizer que tudo... *conspire* para um novo exito!

■ ■ ■

NO Nacional vai brevemente *O Ciclone*.

O titulo é de respeito! Esperamos que o publico... faça de bonança!

■ ■ ■

JA' está em Lisboa a companhia José Climaco.

Tardou, mas chegou! Honra ao piloto, que se afirmou um bom cabo de companhia, com direito a promoção!...

■ ■ ■

O Artur Emauz regressa ao Capitolio.

Antes ele do que a Rocha Tarpeia!...

■ ■ ■

A pista do Coliseu está transformada em Campo Pequeno, correndo-se lá, com «todos os matadores», um touro por noite.

Se o Segurado não se *segura*, lá se lhe vai o negocio das touradas por agua abaixo.

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



— Foi aqui que eu consegui fazer o melhor negocio da minha vida...



Ela: — Gosta dos meus passavos?
 Ele (distraído): — Gosto muito com arroz...

Coisas de sempre

Depois dum curto namoro, a Ermelinda e o Jorge fizeram o seu casamento.

Houve festa rija lá em casa e não faltou quem, aos brindes, augurasse vida felicíssima aos noivos, apesar dela ter apenas 20 anos e ele 50.

A diferença de idades — dizia o noivo — seria suprida pela grande amizade que dedicava à esposa.

Ela era bonita, bem feita e elegante, como poucas mulheres.

No Chiado, quando ela passava, todos a olhavam, cubiçosos.

A Ermelinda sabia-se bonita e, ao fim de certo tempo de casada, parecia ligar já pouca ou nenhuma importância ao esposo, que tudo fazia para a ver satisfeita. E, ao fim de certo tempo, os rapazes da rua diziam da Ermelinda coisas e loisas, não faltando também quem afirmasse que o sr. Jorge pouco se importava com o facto.

Em verdade, todos os seus amigos foram passando lá por casa e, quando a Ermelinda passeava com o Jorge, andava sempre um amigo a fazer-lhes companhia. E o que é certo é que ela se mostrava mais carinhosa para o amigo do marido que para este.

Um dia, o Jorge foi de viagem. Durante alguns meses, ninguém, nenhum amigo teve notícias suas. A Ermelinda, como de hábito, continuou a andar pelos chás e, em noites de *premiere*, não faltava num *fauteuil* de 1.ª fila.

A graça do seu sorrir atraía os olhares da plateia — no que ela se sentia satisfeita. E sucedeu certa noite de «primeira», num dos nossos teatros, aparecer a Ermelinda toda vestida de preto. Estava de luto por morte dum tio.

Um amigo do Jorge, vendo-a de crepes, e julgando que ele tivesse morrido, voltando-se para o visinho do lado, perguntou com ar consternado:

— Olha lá: o Jorge morreu?

— Você está doido, homem! Então você não sabe que em Portugal não há ouros de morte?!

A sogra carinhosa

Para toda a gente, as sogras são más e rabujentas. Desculpem-me as graciosas leitoras, se eu digo «toda a gente», mas julgo que aquelas que são noras devem ter muita vez «andado á nora», como se costuma dizer, e sem desprimor: para a sua feminilidade. Eu tenho uma ha quinze anos que, se não é uma santa, pouco lhe falta para isso. Nunca lhe ouvi uma palavra amarga ou uma reprimenda, nem tão pouco sofri a aparição do seu medonho rosto de sogra. E sabem porquê? Porque está a muitas léguas de distancia. Pesso, pois, considerar-me um genro feliz. E, neste caso, a garantia desta minha felicidade reside na distancia, e não na ignorancia, como succede a muitos.

Ora, no numero dos genros felizes conta-se o Dagoberto, que vive juntamente com a sua «mamã comum de dois», como ele lhe chama. E tanto é assim, que sempre que em qualquer conversa vem a pêlo falar-se desses «animais feroces», o Dagoberto aponta todo o f. no a excepção: não ha sogra tão carinhosa como a sua.

E ela quem superintende nos serviços culinarios e quem lhe trata da saúde, no sentido restrito da locução. E, a atestar isto, contou-nos um caso, ocorrido ha tempos.

Haviam acabado de jantar: ele, a mulher e a D. Pulquéria.

A «mamã comum de dois», depois de o olhar insistentemente, pediu á filha que os deixasse sós. Precisava de falar ao genro, num assunto de grande interesse para eles. E ficaram na saleta, em frente um do outro.

O que seria aquilo? Que confidencias queria a sua sogra fazer-lhe, ou exigir-lhe? O Dagoberto, com a cabeça cheia de complicadas congeminacões, inocente e puro em materia de crimes conjugais, meteu a mão entre o colete e a camisa, como quem mete a mão na consciencia, e ficou-se á espera do que ia sair dali.

— Meu querido filho — disse-lhe a D. Pulquéria, em tom maternal. — Eu sei que a sua saúde anda um pouco abalada. O Dagoberto

não trata de si. Isso é mau, muito mau.

— ?
 — Não venha dizer-me que está são de corpo e alma. A'manhã tem que ir comigo ao medico.

— Mas a mamã está enganada, com certeza!

— Não estou, não. O Dagoberto está comendo pouco, anda com má cor, e essas olheiras não são bom prenuncio. A'manhã vamos ao medico e pronto! E quem paga a consulta sou eu! Ouviu?

— Pois beia! Já que é vontade sua, irei. Não sei como agradecer-lhe o cuidado.

— Agradecer-me o quê? Eu quero que o meu querido genro viva muitos e muitos anos. Se o Dagoberto morresse, eu morreria tambem, tenho a certeza.

E, quasi lavada em lagrimas, saiu da saleta a filha, que aguardava ansiosa o fim da misteriosa conferencia ao vê-la chorosa, foi logo ao seu encontro.

— O que é isso, mamã? Porque choras? O Dagoberto disse-te alguma coisa que te despostou?

— Nada disso!

E D. Pulquéria explicou-lhe, ante o olhar pasmado da filha, o motivo da entrevista.

— Mas o meu marido tem uma saúde de ferro. Enganas-te redondamente. O' ama-lo mais do que a mim?

— Não é a ele que eu amo. O que eu amo nele é a saúde.

— Mas não compreendo!

— Esse é que é o meu segredo. Juras guardá-lo?

— Juro!

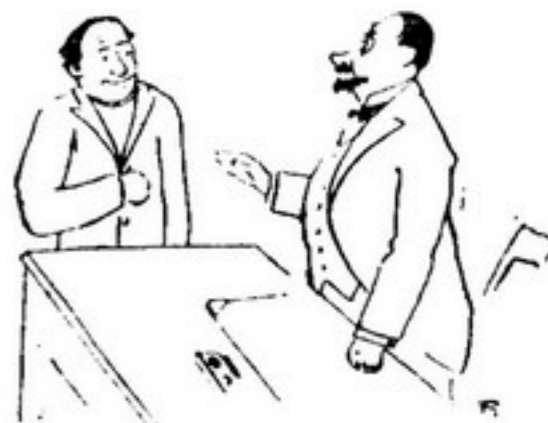
— Pois bem. Fui hoje falar com um a vidente que me disse...

— Que te disse o quê? — perguntou-lhe assustada a filha.

— Que eu morreria um mês depois de teu marido. Diz-me agora se devo ou não velar pela sua saúde?

No dia seguinte, Dagoberto foi ao medico com a sogra, obrigando-se a cumprir semanalmente essa formalidade, e ainda hoje apregoa que é o genro mais feliz deste mundo.

BRAZ SERENO.



O doutor: — Deve tomar uma colher do remedio depois de cada comida. A Assistencia vai dar-lhe os remedios.

O mendigo: — E a comida?...

ANECDOTAS

Ela (carrapito, braços em sacarrólhas, modos estrábicos): — Pois namorámo-nos durante um ano e ninguém deu por isso...

A amiga: — Sim... ele tinha sempre o ar dumna pessoa que perde o comboio...

— O' papá, porque é que chamando-se o sr. Eduardo, Eduardo mesmo, a mamã lhe chama sempre meu amor e meu lichano?

— Parabens, amigo! Já sei que és outra vez pai.

— E' verdade... mas tive quatro gêmeos, sabes?

— Sim? An? Quatro?

— A minha mulher é muito impressionavel. Da primeira vez andava a lêr o *Paulo e Virginia*, e teve dois gêmeos. Da segunda, leu *Os Três Mosqueteiros*, e teve três raparigas. E agora andava a lêr os *Quatro Ginecetes de Apocalypse*, e...

— O' homem, espera aí que eu venho já.

— Mas o que é? Porque vais assim a correr?

— Vou a casa num pulo. Não, que a minha mulher tambem está no seu estado interessante e, como anda a lêr *O Ali-Baba e os quarenta ladrões*...

— Estuda, meu filho! Quero que sejas feliz mais tarde.

— E porque não hei de sê-lo já, não estudando?

— Choveu tanto naquele ano, que a minha mulher até ficou hidropica...

Retrate-se...

No tribunal, uma testemunha de defeza é largamente interrogada pelo advogado, a ponto deste conseguir tirar dela as declarações que interessam á causa do seu constituinte. Instada pelo delegado, cai em constantes contradicões que levam o dito delegado a requerer ao juiz para ser levantado auto pelo crime de perjuro.

O juiz, condoído por a testemunha não estar calma, em consequencia dos apertos por que acaba de pascar, manda-lhe dar um copo de agua, aconselha-lhe serenidade e manda-a sentar, a fim de recuperar a calma e retratar-se, se quiser deixar de ir para a cadeia.

O advogado, em voz baixa, para a testemunha:

— Oh homem! Retrate-se... retrate-se quanto antes!

E tantas vezes repetiu a frase, que o nosso homem levantou-se e diz para o juiz:

— V. ex.ª, faz favor manda chamar o retratista, que eu já estou disposto a tirar o retrato.



— Como as coisas são!... Na China os homens matam-se uns aos outros e aqui ha tanta falta deles...

A confraria dos "vocês"

O autor destas linhas é, simultaneamente, autor dum romance inédito — passe o réclame — que se chama *O Baile das Pintalgayas*. Para dizer que se trata dum bom livro, é um livro mau; para se dizer que é um mau livro, é bom. Assim, como as suas qualidades se anulam pelos seus defeitos e, inversamente, os seus defeitos pelas suas qualidades, o livro continua inédito, que é o melhor que pode acontecer-lhe.

Mas, se o livro continua inédito, os convidados de *O Baile das Pintalgayas* andam por essas ruas em plena liberdade, e cada um de nós conhece, certamente, entre tantos, um deles, pelo menos. No plano feminino, por extensão e analogia, todas são mais ou menos «Pintalgayas». No plano masculino, se os convidados do *Baile* não tinham até hoje um nome especial por que fossem conhecidos. Ficam-no tendo agora: são os *Vocês*. Constituem a Confraria dos *Vocês*. Você para a direita. Você para a esquerda, aí andam por essas ruas, barbeados e perfumados, bem vestidos e bem calçados, elegantes, flexíveis, adamosos... A bem dizer, constituem na escala zoológica uma espécie intermédia entre o homem e a mulher, demasiado fragil para se lhe bater, demasiado forte para se lhe dar beijos...

— Você como está, belim...?

— Eu, belim... E você? E a família de você?

Tudo isto é dito com uma voz adocicada que a palavra escrita

só pode reproduzir duma forma aproximativa. Adocicada, e ao mesmo tempo salpicada de muitos *rrr*, visto que o uso do *r* na conversação é, entre nós, bastante arriscocrrrático, desde que se descobriu que o Senhor D. Manoel de Bragança assim falava. E' verdade que os homens do mar, em Setubal, e todos os habitantes da cidade do Sado, aristocratas ou plebeus, também acentuam bastante os *rrr*. Mas, o que em Setubal é plebeu, em Lisboa é *smart*. Tão certo é que a verdade, como a virtude, varia com a latitude...

Os *Vocês* andam geralmente em cabelo: é essa uma das suas características exteriores. Compreende-se a vantagem de andar em cabelo, no verão, á sombra; mas já não se compreende a vantagem e a comodidade dum tal habito no inverno, quando se anda envolvido em lãs por causa do frio e se traz uma gabardine no braço por causa da chuva. E' um problema complexo que se apresenta diante de nós de cada vez que encontramos um *Você* em cabelo e de gabardine no braço, em dias de chuva... Se chove, onde metem estes pequenos a cabeça? Talvez eles sejam os primeiros a convencer-se de que a não teem... E, sendo assim, fazem em todo o caso um papel superior ao daqueles que a teem, sim, mas só de lá se servem para cabide do chapéu.

Os *Vocês* são frequentadores assíduos dos cinemas. A' saída do espectáculo, quer seja á porta do Central, quer á porta do Fivoli, quer á porta do S. Luiz, é vê-les

em fila, iguais uns aos outros, fabricados em série, como os *Forés*, a mesma gabardine enxovalhada, o mesmo chapéu caído sobre os olhos para deixar vêr o cabelo lustroso encorregar sobre a nuca, o mesmo lenço de seda ao pescoço, os mesmos ademanes, assistido ao desfile das «Pintalgayas».

— Você como está, Gigi? Belim? Gostou? Que bem, não acha Você?

— Como está você, Hugo? Belim? E a família de você? Gostei imenso da Greta Garbo; está estupenda...

— E o Charlot? Simplesmente admiravel! Que belim... que belim!...

Fóra disto, os *Vocês* não sabem dizer mais nada. A sua cultura é feita de revistas de cinema. A sua intelligencia não vai além do retângulo branco que constitue o *écran*. As suas aspirações, porém, vão mais longe do que o quadrado branco: atravessam o Atlântico e chegam a Hollywood. Em Hollywood, porém, os *Vocês* abundam, e a sua importação encontra-se automaticamente limitada. Se não fóra isto, a Baixa estaria despoçada ás cinco da tarde, e o Chiado não teria encantos. Ás vezes, os *Vocês* e as *Pintalgayas* metem empenhos para serem apresentados ao Leitão de Barros: elas queriam ser «Severas»; eles, com certeza, «Marquezes de Seide... Mas os lugares estão todos preenchidos, Paciencia!

E' classico dizer-se (se não é igualmente classico acontecer) que duas mulheres, quando se encon-

tram, a primeira coisa que dizem uma á outra é mal duma terceira, conhecida e porventura amiga de ambas. Com os *Vocês* passa-se coisa sensivelmente igual. Ou falam de cinema — cinema *for ever!* — ou falam dos *Vocês* ausentes.

— O Sebastião, agora, está de todo... de todo...

— Que diz você?

— Isso mesmo! Você não imagina... Arranjou uma companhia tão ordinária... E usa uns chapéus tão exquisitos...

E assim por diante. E' assim que eles passam o tempo, durante a tarde inteira, ás esquinas do Chiado ou ás portas dos cafés, dos hotéis, das livrarias e das chapelarias elegantes. Como os músicos que trabalham nos cafés, que tocam cinco minutos e descansam meia hora, os *Vocês* levantam-se ao meio dia, almoçam, vão á Talha comprar um corrimão de lúbas para a maripá, e teem a noite do tempo livre para fumar. Aos sábados e domingos perdem as noites num «club» balnearia, ou coisa parecida, onde dão a noite *chic*. E' quando, teres eles, falando entre amigos, confêssão que teem tanto que fazer que não lhes chega o tempo para trabalhar...

Tais são os *Vocês*, fruto, criação, ornamento e lustre das esquinas do Chiado, matéria prima para galãs de cinema... e *muchas cosas más*. Sem eles, o Chiado não poderia existir.

— Você belim?

— E a família de você, belim?

MYSELF.

Graça dos outros

Entre mendigos:
— Deram-te um bonito calendario de parede!
— Deram! Deram! Mas o pior é que eu não tenho casa onde collocá-lo!...

No campo de foot-ball:
O velho aficionado: — Já metemos três goals aos húngaros!
O profano na materia: — Ah, sim? Em que sitio? Em que sitio?...

Numa estação de caminho de ferro:
— O comboio tem meia hora de atrazo!
— Que vergonha! E' sempre assim! Então para que servem os horários?
— Se não os houvesse, como sabias tu, que o comboio vinha com meia hora de atrazo?

O milionario: — O senhor está melhor do que eu!
O operario: — Essa é boa! Porque?
O milionario: — Porque eu perco mais num minuto do que o senhor ganha num dia!

Entre architectos:
O primeiro, admirando a construção: — Não te esqueças da outra torre!
O segundo, que parece parvo: — Está descansado, homem! Já fiz um nó no lenço, para me lembrar!...

Instrução preparatória:
O official: — Não sabes que, para se andar, se deve romper com o pé esquerdo?
O recruta: — E' me indiferente! Eu sou da aviação!...

ALFRED SOARES



Antigo director da Casa Pia, filho da Casa Pia, pae da Casa Pia, que tem um amigo em cada casaplano (sem piada aos bancos).

Elevador da Gloria

Entre amigas:
— E dizes que ele só te deu um beijo toda a noite! Como foi possível?
— Porque ninguém nos interrompeu!...

No teatro, na segunda cêna:
O actor: — Mulher! Mulher! O que fizeste?
Espectador n.º 1: — Chamou a mulher duas vezes!
Espectador n.º 2: — Não admira! Ela é tão grande!...

Na mercearia:
O freguês: — Dez tostões cada quilo de batatas? Não faz um desconto aos colegas?
O patrão: — Você é merceeiro?
O freguês: — Não, senhor! Sou ladrão!...

Entre camponeses:
— Vejo-te muito triste, Euzébio!
— Tenho os meus motivos! Perdi no mesmo dia minha mulher e uma vaca!
— E porque não te tornas a casar! Tens aí a filha do Tomaz, que é bem bonita!
— Caramba! Todos me propõem uma mulher e ninguém me oferece uma vaca!...

O professor: — Então o menino não sabe que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil em 1500?
O menino: — Eu julgava que isso fôsse o numero do seu telefone!...

Entre miúdos:
— Porque pintas com oleo de fígado de bacalhau?
— Não vêes que este quadro representa o purgatorio das creanças?...

Cacharolete

E dizem para ai os pessimistas que Portugal não é considerado... Depois do Balbo, vem a velha Albion cumprimentar o seu antigo aliado.

Acabou bem o ano; e o que entrou parece seguirá a mesma rota. Se o 31 nos trouxe o Pirandello, o 32 tra: a inglesa frota.

Ministros estrangeiros dos diferentes países que do mundo são senhores visitam este solo abençoado... apreciam-no em termos sedutores.

Ultimamente, a gente italiana, que já nos habituára ao «macaroni», começou a mandar-nos a seguir os navios, os «Canti» e os «Caproni».

Italo Balbo visitou Lisboa e foi saudado pelo «Zé-povinho» quando tirou as azas, para as pôr ao peito do avô Gago Coutinho.

Mas logo John Bull, o velho linco, ao vêr o Esperie aqui no Tejo surto, mandou seguir uma das suas «squadras» para nos pôr «á inglesa... curto».

O HOMEM DOS TIMBALES.

O João e a Adelaide, noivos cheios de carinho, foram para o Campo Grande dar um passeio de barquinho.

Que passeio delicioso! Sem que ninguém mais o note, o Joãozinho a remar e a Adelaide a ir no bote!

A certa altura, o João, a quem a força já falha, largou o remo e propôs: —Vamos jogar á batalha!

A Adelaide acedeu, e ali mesmo, num instante, creio que o João lhe deu dois ou três no almirante!

Mas, quando a luta naval ao fim já estava a chegar, votou-se o barco, e afinal foi mas foi... tudo no mar!

PATO MARRECO.

«Black Horse Square
but the horse is green»
(Página 17).

Ma:Kall, escritor americano E amigo deste lindo Portugal, Impõe ao mundo o nome lusitano Nas folhas dum seu livro magistral.

Portugal! for two, obra louça, De bela propaganda no estrangeiro, Descreve-nos, com prosa muito sã, Melhor do que o Baedacker, que é ro-teiro.

Estuda a vida, o povo e os costumes, As montanhas, cidades, monumentos, E promete editar novos volumes P'ra louvar Portugal aos quatro ventos.

Porém, a folhas tantas reparci Que padece o escritor de daltonismo, Pois confesso que muito vacilei Ao deparar com este sloganismo:

The Square Black Horse, é a legenda Que se refere á tal memoria equestre, Mas ao depois, com foros duma emenda, Ressalva e afirma com um ar de mestre,

Que afinal é de cor verde o cavallo, Apesar de assim não ser conhecido, E, só por isto, eu quis vir comentá-lo Por achar graça ao caso divertido...

ALEXANDRE SETTAS.

A CAUSA...



—Meu marido tem-me tratado ultimamente com grande ternura.

—Em que falta é que o apanhaste!

Ano novo, vida nova

Um inquerito curioso

O *Sempre Fixe*, aproveitando a entrada do novo ano, resolveu ouvir algumas pessoas que os nossos leitores bem conhecem sobre o que será para elas ou para os outros o jove 1932. Seguem, sem mais delongas, algumas das opiniões por nós colhidas:

Da actriz *Beatriz Costa*: «O 1932 será um ano emarranhado, muito emarranhado, todo emarranhado».

Do sr. *José Parreira*, director do *Rumor* e orador encartado: «Tenho fé que o 1932 vai ser um ano em cheio, ou, talvez, não. Ah! não, nunca. A mim, como jornalista e por isso mesmo, policia da sociedade, me cabinda, este ano, um grande papel na orientação daqueles que não teem oriente, mas que—oh supremo paradoxo bustorfa!—sabem muito bem puxar a braza para a sua sardinha. Este ano vai ser em cheio. Brada-rei no deserto, mas a esta parreira não trepam eles. Ah, não, nunca».

Do dr. *Antonio Centeno*, da Gaz e Electricidade: «Será um ano composto de acésas questões. Dai, um ano cheio de luz...»

Do actor *Nascimento Fernandes*: «O 1932 será mais aldrabão do que o seu antecessor».

Do *Pinheiro Maluco*: «O' vós que viveis na porcaria: este ano será mais porcalhão do que os outros. O' porcalhões de um povo!»

Do sr. *Carlos Pereira*, da Companhia das Aguas: «Em 1932 serão levadas a efeito muitas obras. Uma delas será a destruição, por inutil, do Aqueduto falsamente apelidado das Aguas Livres».

Do actor *Carlos Leal*: «Serão doze meses em que eu, mesmo que o Artur Portela e outros criticos

digam o contrario, hei de provar aos que me detestam, artisticamente falando, que não tenho graça nenhuma em cena».

Do sr. *Carvalho da Silva*, patrono dos senhorios: «O 1932 não finda sem que se estabeleça a almejada paz entre senhorios e inquilinos, nos moldes da que existe actualmente entre a China e o Japão... Talvez que logo lhe fale do pacto Kellogg».

Do actor *Eurico Braga*: «O 1932 será para nós, os profissionais do teatro, um ano de nos pôr os cabelos em pé...»

Do dr. *Carlos Babo*, inimigo irreconciliavel dos padres de Roma: «As minhas epistolas darão este ano—1932 da era de Cristo—excelente resultado E ai de vós, padres, se vos não casais todos este ano, como determina S. Paulo na sua Epistola aos Galatas, cap. V, versiculos 19, 20, 21, 22, 23, 25 e 26, etc. Ai de vós, reverendissimos clérigos, se tais não cumprirdes, pois Satanaz jamais deixará de mandar nos vossos espiritos. Ai de vós, condenados do Senhor, se não arripiardes caminho em 1932, pois bem sabeis que mais facil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que eu entrar na redacção das *Novidades*. Ai de vós, condutores cegos».

Do jornalista *Reinaldo Ferreira* (Reporter X): «Será um ano como os outros, em que terei de passar os seus 366 dias a perguntar:

O' minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, mata o meu corpo,
Não vejo nada de meu!»

RIO QUIN.



—O' desgraçado, não vez que a agua está em cocho?
—Não faz mal, eu tenho os pés gelados e alem d'isso não tirei as botas...

Noticias do dia

O conflito sino-japonez

A normalidade

MUKDEN, 7.—Continua a normalidade na Mandchuria. Os japoneses bombardearam as posições chinesas e tomaram conta da linha do caminho de ferro.—(Favas).

Os «accessores» japoneses

TOQUIO, 7.—O Japão tem nomeado diversos accessores para dirigirem os negocios chineses na Mandchuria. Foram já nomeados os accessores para os caminhos de ferro, para os Bancos chineses e para as repartições officiais, constando que tambem vão ser, muito em breve, nomeados accessores para autocarros.—(United Press).

Por esse mudo fora

O frio

MADRID, 8.—O frio nesta cidade é tão intenso que as pessoas, quando cospem, ficam com o cuspo no ar, solidificado. Aqui o frio foi tanto que até os termómetros gelaram. Ninguem se lava ha três dias, por motivo da agua gelar nos respectivos lavatorios. Ninguem sai á rua com este frio. Os que ficam em casa aproveitam os lavatorios para campo de patinagem, que é a unica distracção.

Nalgumas regiões cai neve

SALAMANCA, 8.—Perto desta cidade caiu, ontem á noite, neve. Acorreram os bombeiros, que conduziram a neve ao hospital, verificando-se não ter ferimentos de gravidade.

SEGOVIA, 8.—Por causa do frio, o movimento de Segovia parou por completo. Nesta cidade, o frio é tanto que nem se pode andar com o nariz de fóra.

O frio em Portugal

COIMBRA, 8.—Fez-se aqui sentir o frio com bastante intensidade. No comboio da noite chegou um grande stock de cobertores de papa, encomendados por um dos mais importantes estabelecimentos desta risonha cidade do Mondego.

AVEIRO, 8.—O frio foi tanto que a ria até gelou. E' caso para dizer: «Ninguem ria da desgraça». De madrugada caiu neve.

OVAR, 8.—Aqui, ontem, caiu o Neves, uma das figuras mais populares da terra. Conduzido ao tribunal, verificou-se que tinha perdido a fala. Vão fazer-se buscas no local da queda e no caminho desse ponto para o hospital, para vêr se se encontra a fala.

TOMAR, 8.—Nesta cidade, o frio não se tem feito sentir desagradavelmente. Um grupo de amigos desta cidade, no intuito de que Tomar seja, como as outras cidades, beneficiada pelo frio, encomendou já algumas toneladas de neve á Serar da Estrela, que devem estar a chegar.

ABRANTES, 8.—Perto desta cidade, o Tejo gelou, causando varios prejuizos. Ao saber-se isto, o povo da terra tambem gelou de pavor.

CASTELO BRANCO, 8.—Os habitantes desta cidade, ao saberem que os naturais de Abrantes tinham gelado, gelaram tambem, por solidariedade.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

GRAFOLOGIA

UMA DESILUDIDA. — Seu caracter é tal qual como a sua letra com altos e baixos. Apesar de assinar *Uma desiludida*, a sua letra é masculinizada, fazendo crer portanto que tem hábitos de homem. Fuma, pelo menos, e já não é pouco. Não ama ninguém e tem um certo desdém pelos homens. É alta. O seu maior sonho seria saber andar a cavalo, em selim razo. Gosta de bacalhau com batatas, mas com pouco azeite e muito vinagre. Apeleida-se de *Uma desiludida*, não sei porquê. Aposto em como a unica desilusão que teve até hoje foi com certeza a sua grafologia feita por mim.

UMA PELINTRA. — Então é pelintra e ainda teve dinheiro para o papel e estampilha com que me escreveu?

Com a sua letra dá-se um caso curioso: Parece também mais de homem que de mulher. Emfim. Isso não se discute. Intitula-se *Uma pelintra*. Pois que continue a sê-lo, porque não é com esta pequena observação grafologica, porque o seu caracter não indica que viseja pessoa capaz de ganhar dinheiro na vida.

Contente-se com o pouco que tem e olhe que já não é pouco. Deseja que eu leia na sua caligrafia os seus hábitos. O unico habito concreto que a sua caligrafia denuncia é o habito de escrever mal.

UMA FUNCIONARIA. — Diz-me que tem o caracter arrebatado e quer saber os diagnosticos? Eles aí vão. O melhor diagnostico que lhe posso fazer é o seguinte:

Dá em maluca ou maluco, porque — é curioso! — também a sua letra parece mais de homem que de mulher. É geralmente em que dão sempre os caracteres arrebatados. Se não der em maluca, posso garantir-lhe que ficará toda a vida com o mesmo pouco juizo que tem. Uma outra coisa se me oferece dizer ainda sobre o seu caracter, mas essa não pode vir a publico.

É um conselho: Se é arrebatada, demita-se do lugar de funcionaria, se é que o é de facto.

UMA EMPREGADA BANCARIA. — Que: que lhe diga sinceramente os seus costumes pela letra? Então aí vai: Os seus costumes são muitos. Podia apontar-lhos, mas não é necessario. Basta que lhe diga o seguinte: Leia o que disse acerca de *Uma funcionaria*, porque as vossas letras são tão parecidas, tão parecidas, que até parecem iguais.

NEM MAIS NEM MENOS. — Eu sou precisamente como você. Declara que é pouco amigo de fazer vontades. Tal qual como eu. Também sou tão pouco amigo de fazer vontades que até não lhe digo o seu caracter.

DOIS POUPADOS. — É verdade, e tão poupados, tão poupados que até escrevem no mesmo bocado de papel, mas não serve. Escreva cada um no seu bocado de papel, em separado.

F. P. — Antes de mais nada, devo dizer-lhe que é muito gracioso; pelo menos pretende sê-lo. Deixe-se de humorismos baratos. E agora vamos ao caracter. É bom. Talvez mesmo bom de mais. É sincero. Gosta de galinha, feita de qualquer maneira. Tem bom paladar, mas, como os galinacos estão caros, nem sempre pode satisfazer o seu desejo. Deita-se tarde e perde a uma enxada na seida, o que faz mal, porque cada noite tem um sono de pau. Não serve para dar palmas, mas de noite, porque de noite todos os gatos são pardos.

MADAME HARVY.

DESSPORTOS

O rapto dos jogadores

Vamos contar-vos, queridos leitores, uma historia desportiva, não garantindo a sua veracidade, apesar de idoneas testemunhas se nos apresentarem sustentando a verdade deste acontecimento desportivo, que, bem aproveitado, daria para urdir um conto policial.

Vamos á historia. Um *club lisboeta*, depois de muitos esforços, conseguiu reforçar o seu grupo de honra com dois jogadores provincianos e com um elemento doutro *club* muito conhecido.

Organizou-se, para prova dessas novas unidades de reforço, um encontro de caracter não official. Os jogadores apresentaram-se, ante a admiração do publico desportivo, nessa estreia e provaram bem. Os elementos provincianos mostraram que os segredos da *association* lhe eram familiares, ficando assim feita a demonstração de que a ciencia da bola também chega á região scalabitana.

Até aqui, nada de extraordinario nesta historia. O calvario dos jogadores e dos dirigentes do *club* que os tinha descoberto começa neste momento. Os jogadores, porque nunca mais tiveram um momento de seu; e os dirigentes do *club*, no recio justificado de verem os outros recolher o fruto da sua descoberta. Que calvario!

Para que isso não acontecesse, cada um dos jogadores foi encerrado em segura habitação, de janelas gradeadas, em terras quasi inacessiveis. E cada uma das habitações ficou rigorosamente vigiada por dez *supporters* do *club* interessado, os quais, noite e dia, sem pregarem olho, não deixavam de observar atentamente tudo quanto se passava em redor, não permitindo mesmo a entrada, nesses edificios, a nenhuma pessoa estranha.

Como os leitores veem, a historia começa a movimentar-se e a ganhar em interesse. Mas, não percamos a toada.

Os componentes dos *clubs* que pretendiam atrair esses jogadores, por sua vez, não desanimaram. Mesmo, não é gente que desani-

mé... E assim, deliberaram pôr a sua policia em campo, a *policia vermelha* e a *policia róxa*, para ver se era descoberto o paradeiro dos citados *players*, que dum momento para o outro haviam atingido a celebridade, a fim de serem encetadas as necessarias negociações...

Os *detectives* vermelhos, com elementos mais astutos e de melhor tactica, forara mais felizes do que os agentes róxos, porque em breve conseguiram, com muito gasto de *taris*, descobrir o paradeiro do homem que lhes interessava.

Tendo descoberto o local onde o jogador estava guardado, a *policia vermelha* tratou immediatamente da organização do plano de ataque á moradia, para essa noite mesmo, a fim de efectuar o mais rapidamente possível o rapto do jogador. Os agentes vermelhos receberam, para ser alcançado o fim em vista, as mais detalhadas instruções.

A noite foi esperada, entre as hostes vermelhas, com alvoroço. Ainda não tinha acabado completamente o som das badaladas da meia noite, quando a *policia vermelha*, envolta em grandes capotes negros, acometeu violentamente os *agentes verde-brancos*, que, surpreendidos pelo impeto do ataque, apanhados de improviso e atacados pelo frio, somente opuzeram uma fraca resistencia ao assalto dos adversarios. A *policia verde-branca* foi facilmente dominada.

A *policia vermelha*, vencedora, galgou velozmente as escadas, arrombou a porta dum compartimento onde se ouvia barulho e, dando de cara com o jogador, que tantos trabalhos dera, facilmente o convenceu a ingressar no seu gremio.

Tempos depois realizou-se um encontro official. Na verdade, o jogador raptado saíra do *club verde-branco*, adoptando o *vermelho* mais da sua predilecção.

Resta acrescentar que a *policia róxa* foi batida em toda a linha porque nem sequer conseguiu chegar á fala com o seu homem!

JONICA.



— *Queria um ramo de perfumado «Nolles serenas»*
— Já não temos. O patrão, com a crise, mudou-lhe o nome...
Agora só temos «Nolles de insónias».

A gramática de Evaristo

— O meu amigo está de quê?
— perguntou á queima-roupa o meu amigo Evaristo, ao encontrar-me, hoje á tarde, na paragem do costume.

— Absolutamente! — respondi eu, porque sou incapaz de desmentir o Evaristo. — Mas... se não é indiscreção, com que é que o meu amigo quer que eu esteja de acôrde?

— Refiro-me ao acôrdo gramatical com o Brasil!

Calculei então que o meu amigo andava a organizar os acôrds com os outros países. Não andava. O Evaristo, segundo me explicou, andava simplesmente a ver se conseguia chegar a um acôrdo com ele proprio. E explicou:

— Por esse motivo, vou eu, dentro de dias, a Paris!

— Mas qual motivo? — perguntei.

— Por causa da lingua!

Admirado por saber que o Evaristo ia a Paris, resolvi-me então a interrogá-lo sobre os seus projectos.

E o meu amigo explicou então que anda organizando uma nova gramatica, visto que, na sua opinião, a gramatica portugueza está toda errada.

— Mas exemplifique! — desafiou eu, disposto a aturá-lo.

— Ora o meu amigo vai ouvir ler umas passagens do meu projecto, que são umas passagens de primeira!

Disse-lhe que não estivesse com cerimonia, porque eu ia bem mesmo em 2.ª e o Evaristo começou:

— Ora eia! Por exemplo, dando á data de falsificação... per ai se estão fazendo, o leite e o chourico deixam de ser «substantivos»!

«Chama-s» letra minuscula a toda a letra que representar mais dum conto de réis.

«Agora oiça este periodo: *João fez um desfalque*. Onde está o sujeito?

— O sujeito?... Ora deixe vêr!

— O senhor! Não tem dificuldade nenhuma! *João fez um desfalque*. Onde está o sujeito?! Está na cadeia! Pois se ele fez um desfalque, onde quer o meu amigo que ele esteja?

Concordei, e o Evaristo continuou:

— Agora oiça isto: *Eu sou hereje*. O que constitue esta frase?

Respondi que constituia uma oração, e o meu gramatico amigo contestou, exaltado:

— Vê? Outra asneira! Pois se eu digo *Eu sou hereje*, como é que isto pode constituir uma oração?

«Outro exemplo: *Gabriela tem um amante*. É singular ou plural?

— Tem um... É singular! — respondi.

— Acertou! — respondeu o Evaristo. — É «singular» porque toda a gente diz que é no plural!

E explicou:

— Se uma mulher tem um ponto é natural a «conjunção copulativa». Mas, quando elas buscam, entre parentesis, dois pontos, seguem-se varias exclamações e interjeições, que podem ir até ao ponto final.

Já tínhamos perdido cinco pontos electricos.

O Evaristo deu, pois, por finda a sua lição de gramatica, prometendo continuar as lições. Das suas novas descobertas informarei os leitores na proxima semana.

ANIBAL NAZARÉ.

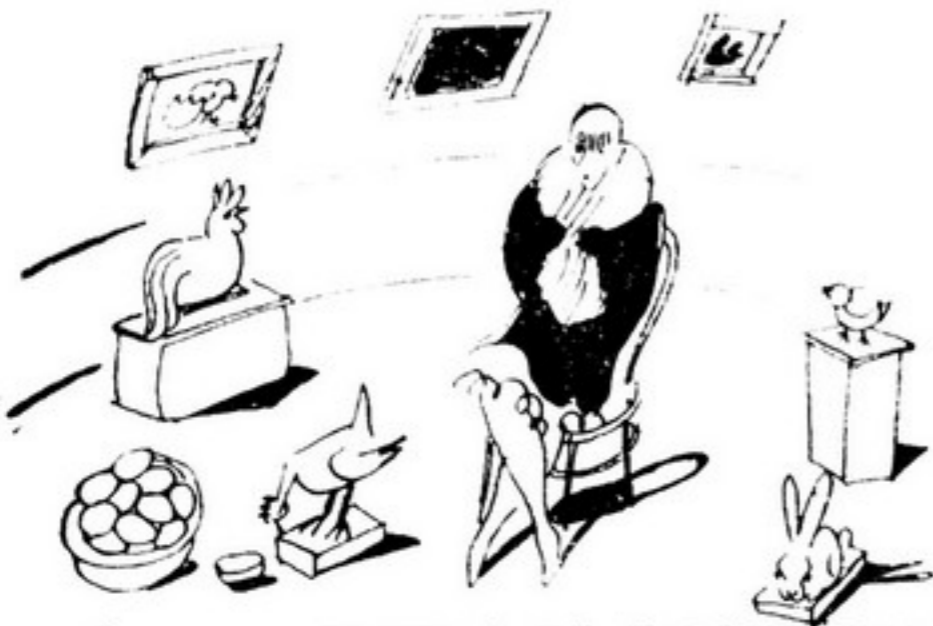
Sortes grandes?
só o PINA se vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

ECOS DA SEMANA

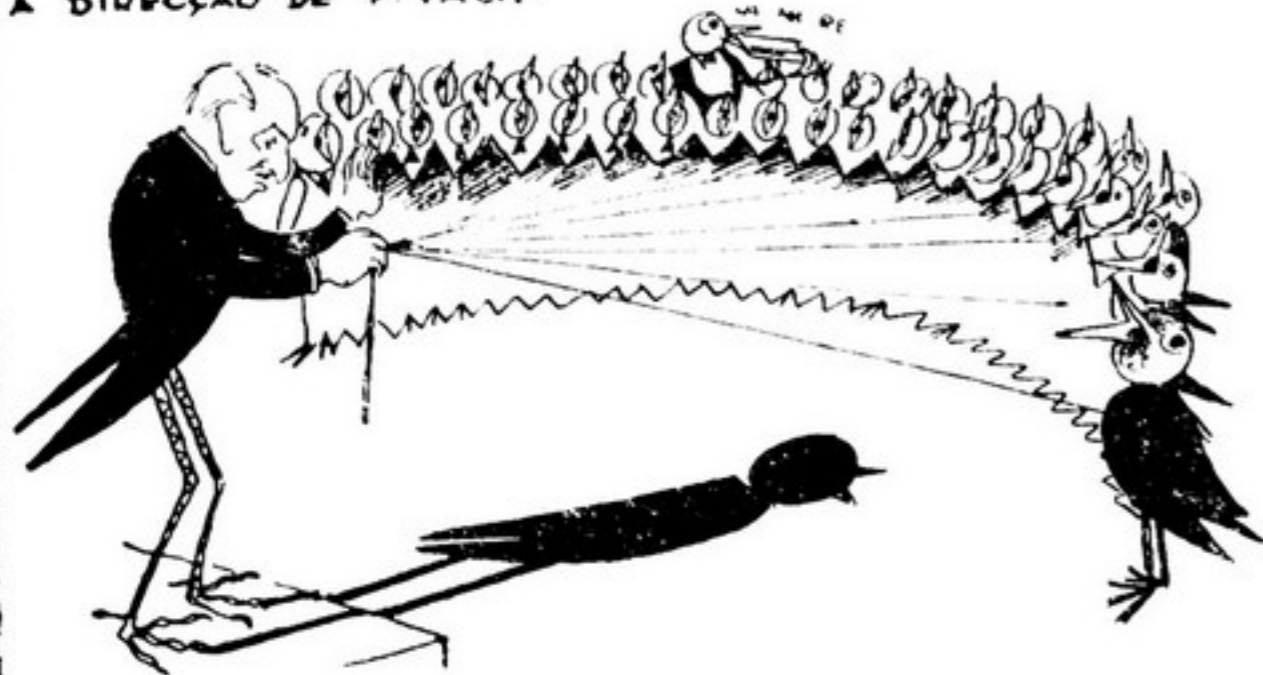
O QUARTETO LENER DE BUDAPESTE MARAVILHOSAMENTE BUDA... MAS NADA PESTE



VI MENINA ANINHAS ANINHANDO-SE COM FRIO JUNTO A SUA NINHADA. AQUECAMOS AS CRIADEIRAS VISITANDO A SUA EXPOSIÇÃO



O CÔRO DOS CANARIOS DA MORAVIA QUE TEM ANDADO FORA DA CAIOLA A ENCANTAR OS PASSARÕES DOUTROS PAISES SOB A DIRECÇÃO DE F. VACH.

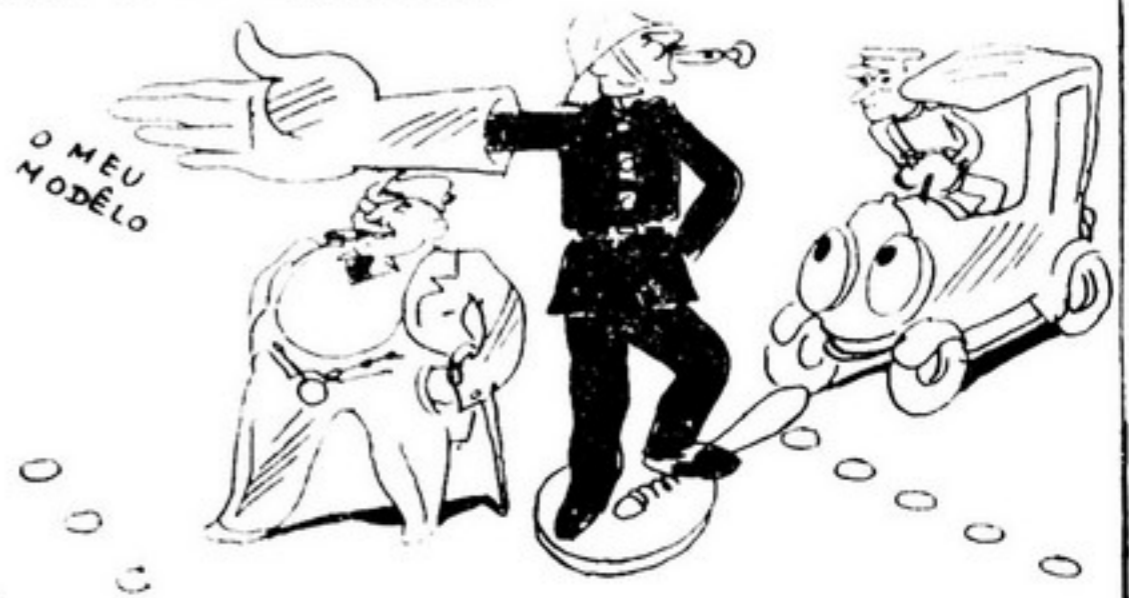


OS BICHOS DA SEDA VÃO COMEÇAR A CASULAR CASULOS COM TODA A CASILINA EM VISTA DO DECRETO DE AUKILIO AS LAGARTAS.

LISBOA CIDADE DE CASCAS DE LARANJA E BANANA QUE ABANANAM VOLTA E MEIA UM MORTAL PARTINDO-LHE AS PERNAS. MUITO DECORATIVO SÔBRETUDO COM ESTES BATE-CÚS. NÃO SERIAM POSSIVEIS UNS CERTOS...



HA MALES QUE VEEM POR BEM. ASSIM, OFRIO ACABOU COM OS CACETES AOS SINALEIROS E OBRIGOU-OS A USAR LUVAS O QUE É MAIS VISIVEL, MAIS LEVE E MENOS PERIGOSO.



A ALEMANHA NÃO QUEREM DO PAGAR MAIS FEZUM GÊSTO DE MÃO FECHADA E APRESENTA O SEU NOVO PENDÃO.



CENTRO? NÃO ANDAM TUDO A PEDIR CHUVA? CA A TEM.